

CONECTADOS E DESCONECTADOS: TICS NO CONTEXTO DA PRÁTICA DOCENTE

Luciana **Velloso** – UERJ

Agência Financiadora: CNPq

As reconfigurações do espaço e do tempo associadas às diferentes experiências midiáticas têm trazido consigo novos referenciais para a condução de nossas vidas cotidianas (SILVERSTONE, 2005). De forma análoga ao que ocorria com a televisão, atualmente se dá com as tecnologias digitais, que cada vez mais são inseridas nos estabelecimentos escolares, fazendo com que professores/as se questionem sobre como lidar com estes artefatos, mas sem negligenciar dos conteúdos curriculares ainda tão cobrados em avaliações às quais seus discentes são constantemente submetidos.

Baseando-me no método interpretativo dos paradigmas indiciários¹ (GINZBURG, 2001), busco perceber como os/as docentes têm se relacionado com as Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) em suas práticas pedagógicas. Como professores/as estão lidando com essas novas demandas em seus fazeres cotidianos? Esta é uma das questões que o presente estudo busca inquirir, a partir de um viés sociológico e antropológico.

Importante destacar *a priori* que este trabalho encontra-se em andamento, mas levando em conta a importância do caráter processual da pesquisa, o que aqui apresento são algumas considerações parciais sobre os usos das TICs dentro do contexto institucional escolar. Na intenção de elaborar uma descrição densa (GEERTZ, 2008) de minhas observações, lancei mão da confecção de um diário de campo, no qual eu procurava registrar e interpretar os indícios e pistas que me ajudavam a dialogar com o que era dito de maneira mais formal nas entrevistas.

O campo a que me refiro são duas escolas do município do Rio de Janeiro, que tiveram trabalhos premiados pelo “Projeto Século XXI”². Após o contato com duas professoras selecionadas para integrar a Mostra Virtual³, fui até suas escolas para melhor conhecer os trabalhos ali desenvolvidos e entender como elas lidavam com a

¹ Trata-se de um modelo epistemológico que chama atenção aos detalhes aparentemente mais insignificantes do cotidiano.

² O Projeto, elaborado a partir de uma parceria entre a Secretaria Municipal de Educação e a Empresa Municipal de Multimeios da Prefeitura (Multirio) integra uma das iniciativas que a Prefeitura do Rio de Janeiro tem desenvolvido no sentido de destacar experiências bem-sucedidas no uso das mídias.

³ <http://www.multirio.rj.gov.br/seculo21/>

mídia em seus fazeres cotidianos. Em outras palavras, eu queria ver além do resultado final do projeto, ouvindo aquelas docentes e outros/as profissionais dentro dos contextos escolares em que se inseriam.

Além das observações registradas no diário de campo, a pesquisa conta até então com dez entrevistas gravadas com docentes das duas escolas (incluindo regentes de sala de leitura e de classe de apoio). As questões levantadas nas entrevistas tinham as seguintes preocupações: os limites e possibilidades em trabalhar com as TICs, a importância que atribuíam ao uso das novas tecnologias em suas práticas; se faziam uso regular das TICs fora da escola e se contavam com apoio de terceiros (familiares, outros/as colegas, amigos/as, cursos) para elaborar suas atividades.

Cenas de sala de aula

Diante do material empírico já adquirido no percurso da pesquisa, apresentarei algumas experiências cotidianas observadas, destacando elementos que poderão ser analisados a partir das histórias que emergem das práticas com as TICs. As situações evidenciam os diferentes níveis de participação nas redes comunicacionais dos/as sujeitos das instituições escolares, que aglutinam tanto um público altamente “conectado”, quanto uma parcela significativa da população que não possui muitas oportunidades de se apropriar desses benefícios.

Ao chegar na sala de aula da Escola 1, fui surpreendida por uma cena que Green e Bigun (2005) poderiam descrever como um momento de “contato entre alienígenas”. A cena em questão, registrada em meu diário de campo, desvela-se da seguinte forma: a turma agitada aguardando o momento em que o quadro-negro se tornaria uma tela a projetar as apresentações em *power point* produzidas pela turma. Em meio à agitação, encontrávamos a professora Maria⁴, tentando acertar a projeção do *data-show*, conectar os cabos do *laptop* e fazer o som funcionar.

Um aluno vem em seu “socorro”, dizendo entender daquele mecanismo. Ele afirma já ter experiência com computadores, pois seu tio trabalhava com isso e ele sempre acompanhava. Rapidamente o adolescente solicitou a permissão da docente para – aproveitando a metáfora dos alienígenas - assumir o controle da “nave”. Diante do assentimento da mesma, ele conectou um cabo, deu alguns *clicks* com o *mouse* e logo a

⁴ Todos os nomes citados são fictícios.

turma estava com suas produções todas sendo projetadas no “quadro-tela”, sob o comando do aluno que demonstrou orgulho de seu feito.

A professora Maria contou-me sobre sua iniciativa de trabalhar com o *data-show*, recurso que a escola acabara de receber⁵. Ela confidenciou a dificuldade que teve para terminar seus trabalhos de culminância do projeto, e que ficou a noite toda ajustando as apresentações em *power-point* do/as alunos/as. A professora então me revelou na entrevista:

Você viu os alunos trabalharem, o menino aprendeu a mexer, ele mesmo mexeu... você viu, ele passou a minha frente e descobriu! Aí eu falei: “Então comanda!”. Eu fiz a apresentação mas eu sou enrolada em alguns pontos. Mas eles não, eles usam os botões com com muito mais facilidade do que nós. É a grande oportunidade deles estarem aprendendo, de terem acesso a esse tipo de material.

Por outro lado, a atividade presenciada na Escola 2, revela situação distinta. Ela vai de encontro ao proposto por García Canclini (2003), quando nos alerta para a cautela no emprego de generalizações como a da idéia da “sociedade do conhecimento”, para nos referirmos ao atual estágio sócio-histórico em que nos encontramos. No ponto de vista do autor, essa abundância tecnológica não beneficia de forma equânime a população global.

A professora Denise, trabalhando em uma classe de apoio da Escola 2, relatou-me sua surpresa ao constatar que somente dois de seus alunos possuíam computadores em casa, e a grande maioria apresentava poucos conhecimentos daquela linguagem, adquiridos em esporádicas incursões em *lan-houses*. Ela então desenvolveu o Projeto denominado “Teclando para o Futuro”, que, em uma de suas vertentes, preocupava-se em familiarizar a turma com o universo digital.

Na opinião da professora, explicações que se limitam a dicotomias geracionais para distinguir os/as mais jovens como sendo aqueles/as que dominam com propriedade e segurança as novas tecnologias, pode ser algo questionável. Em seus dizeres, depende muito do “público” com que se está lidando, com o grau de acesso a essas mídias que os/as alunos/as já trazem de fora da escola, como parte de seu capital cultural.

Por exemplo, quando a criança tem contato já com o computador desde pequeninha, ela vai saber. Mas quando ela não tem o contato... que é o nosso público aqui, né, nessa turma só dois alunos tinham computador em casa [...]. Então prá outro público talvez que tenha um computador em casa, que tenha já esse contato, dá um “banho” mesmo na gente.

⁵ A Secretaria Municipal do Rio de Janeiro está atualmente se empenhando em equipar as escolas com mais este recurso audiovisual.

No projeto de Denise, ela lançou mão de uma estratégia em que diferentes mídias estiveram interagindo. As crianças então alternavam entre a escrita nos cadernos⁶ e a escrita no computador, algo que corrobora com o entendimento de Briggs e Burke (2006) de que a mídia é mais bem compreendida enquanto um sistema em que os elementos não necessariamente substituem uns aos outros, podendo coexistir e se complementar.

Conforme afirmou García Canclini (2007, 2008), a conjugação de telas de televisão, computadores e *videogames* está tornando as novas gerações mais familiarizadas com os modos digitais de experimentar o mundo, com estilos e ritmos de inovação próprios destas redes. Mas o paradoxo reside no fato de que essas situações produzem novas dificuldades para os/as que não conseguem acompanhar o ritmo acelerado que as tecnologias impõem.

Considerações

Em minhas observações, pude perceber que os/as docentes que faziam uso das TICs geralmente possuíam auxílio de algum “mediador externo” para lidar com os estes recursos. Tive relatos que indicaram o apoio de parentes ou amigos/as para iniciá-los/as na linguagem multimidiática e ajudavam quando havia dificuldades para adequar sua atividade ao uso da tecnologia escolhida. Sendo assim, a hipótese de Martín-Barbero (2003), ao deslocar o foco dos meios para as mediações, parece bastante adequado para pensarmos que o trabalho com as TICs na escola vai muito além de uma iniciativa individual – embora se reconheça que o interesse de cada professor/a é fundamental -, mas conta com aquilo que entendo como uma “rede de solidariedade”, em sua base.

Explicações que se limitam a diferenças geracionais para avaliar as habilidades com as TICs não parecem ser suficientes para entendermos como se dá essa apropriação. Mediante análises de situações do cotidiano escolar, em que docentes faziam uso de TICs, opto por um viés mais ponderado, no sentido proposto por Buckingham (2007). Assim, pressupor que crianças e jovens são os/as alienígenas que Green e Bigun (2005) sugerem pode nos induzir a generalizações que nem sempre condizem com as realidades de muitos/as discentes da rede municipal do Rio de Janeiro. Os/as alunos/as podem ser detentores/as de uma “expertise” para lidar com a mídia,

⁶ Caderno aqui também entendido como uma mídia, no sentido de um meio que transmite uma mensagem.

talvez muito mais conquistada do que obtida pela participação em atividades educativas com esse fim (DUARTE, 2008).

Para uma criança com que desde cedo arrisca seus primeiros dígitos em um teclado e que convive cotidianamente com aquela linguagem digital, tudo parece ser mais simples do que para uma outra criança para quem o *mouse*, o *Orkut*, e o MSN não são mais do que diversões episódicas. A noção dos excluídos no interior (BOURDIEU e CHAMPAGNE, 1999) pode ser elucidativa para compreendermos as dificuldades sentidas pelos grupos que não estão familiarizados com determinadas habilidades que as TICs demandam.

Embora tanto alunos/as quanto professores/as encontrem-se imersos em um contexto que se supõe cada vez mais mediado por tecnologias, ressalto que a parcela da população que permanece na esfera dos “diferentes, desiguais e desconectados” (GARCÍA CANCLINI, 2007) ainda é muito ampla e as políticas educacionais não podem ignorar as especificidades deste público.

Referências Bibliográficas

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. 2.ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003.

BOURDIEU, Pierre; CHAMPAGNE, Patrick. Os excluídos do interior. In: NOGUEIRA, Maria Alice e CATANI, Afrânio (orgs). **Pierre Bourdieu: Escritos de educação**. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1999, p .217-227.

BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. **Uma história social da mídia: de Gutemberg à Internet**. 2.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

BUCKINGHAM, David. **Crescer na era das mídias eletrônicas**. São Paulo: Vozes, 2007.

DUARTE, Rosália (org.). **A televisão pelo olhar das crianças**. São Paulo: Cortez, 2008.

GARCÍA CANCLINI, Nestor. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. 4.ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001.

_____. **Diferentes, desiguais e desconectados**. 2.ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2007.

_____. **Leitores, espectadores e internautas**. São Paulo: Iluminuras, 2008.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. 1.ed. 13.reimpr. – Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais: Morfologia e história**. 4ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

GREEN, Bill; BIGUM, Chris. Alienígenas na sala de aula. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org.). **Alienígenas na sala de aula**. 6.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005, p. 208-243.

SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar a mídia?** 2.ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005.